FREIRE E GIROUX : REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA NO SÉCULO XXI

Maria Noemi Gonçalves do Prado (*)
Mestranda pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-
Programa Educação-Currículo

E“ (...) o café é amargo como o que penso da vida.
mais uma vez não sei o que vivo e não sei o que penso
A vida é externa, a guerra já começa em nós por dentro.
A paz é uma palavra muito curta para fazer efeito
A sensação de ter asas não me agrada mais, quero rastejar.
Nas coisas que comprei hoje não me apoio mais
Olho em volta e as sensações estão mortas, vivo é o meu querer.
(...) Os livros bem pensados são prostitutas bem pagas pela vaidade.
A diferença dos medíocres é que eles sabem capitalizar no caos.
Deus me acordou cedo hoje, e me disse para calar a boca (...).
Entre sons e uma leve chuva, a coisa mais sem sentido é olhar a verdade.
Embora quisesse parar, agora sei que não se pára o sangue.(...)
Deixarei tudo aqui neste papel
(...) E no final vou pôr um título nada criativo.
E ao parar vou voltar a me iludir.
Vivendo.”
(Ferréz é escritor, autor de Capão Pecado, o
Poema acima é: ‘Uma poesia nova’)

O poema acima foi escrito por um dos muitos jovens moradores da Periferia de São Paulo (Brasil) seu nome, Ferréz, que escreve para uma das publicações da Revista Caros Amigos, “*... a dor tinha que ser curada, mas antes distribuída, porque só quem teve fome sabe o real valor da comida.*” A Fome, neste inicio de século XXI um dos cânceres herdados da dita modernidade faz com que, por vezes, tentando estabelecer às pazes com nossas consciências, laudas e laudas sejam escritas em textos enfáticos contra a exclusão social. No entanto, enquanto levantamo-nos de nossas mesas fartas e encaminhamo-nos para os nossos micros computadores com a finalidade de realizarmos tal tarefa,ou seja, escrever o artigo, o texto, o ensaio, representantes numerosos de seres humanos ,uma parte significativa do conjunto da sociedade mundial , esta “catando”

restos de comida pelos lixões das periferias do mundo afora, não conseguimos transcender as razões do cotidiano, não efetivamos à práxis.

> "A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos fazer contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar 'quase natural'" (Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire, página 21).

As ocorrências cotidianas que antes fugiam à normalidade, tais como crimes, violências dos mais variados graus, ou atentados a vida dos seres moradores do planeta, através de poluição, doenças, como a gripe aviária, se tornam eventos "quase" *naturais,* não conseguimos nos emocionar com as imagens, geralmente transmitidas pelas TVs, a sensação de banalidade dos fatos traduz-se pela possibilidade de ser desativar o ocorrido com um simples apertar de botões do controle remoto ou, o que poderia ser pior, tido apenas como mais uma imagem ilustrativa, vazia de significado, em uma perspectiva *penumbrante*, deturparia a visão com respeito à realidade vivenciada. Como professora que sou já percorrido vinte e três anos de profissão, pergunto-me, e permito-me compartilhar com quem se interesse pela questão, onde estaria o papel da Educação enquanto agente transformador da realidade social, sonhada por gerações de educadores/educadoras? Com o que, o espaço da *indignação* e *não conformismo* estaria sendo preenchido, em uma sociedade impregnada de simulacros e dissimulações?

> "o discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano (...) O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca." (Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire)

Como educadores do século XXI, o que conseguimos acumular, para além dos Discursos?Quais as Práticas de Resistência que efetivamente serviram de exemplo para os alunos que um dia encontraremos como Educadores nas salas de aula, das Escolas do

Futuro não muito distante, o futuro construído no *agora*?O que deixaremos de herança para as futuras Gerações de Jovens, não mais oprimidos pelas Ditaduras Políticas, para isso lutamos afinal, mas globalizados pela sutileza elefântica do Deus-Mercado?

Peter Mclaren, no livro *A Educação no século XXI*, para debater a escolaridade e nova ordem capitalista, pergunta se uma ***pedagogia crítica*** *renovada* e revivificada, baseada em um método materialista histórico para a reforma educativa, pode servir como ponto de partida para uma *política de resistência e luta* contra-hegemônica no século XXI?"(Mclaren, 132,2000) Tentar responder a essa questão é o desafio constante dos Educadores que se predispõe a *pensar* o mundo e *atuar* na Educação, antes, porém uma breve contextualização sobre a abordagem do conceito de Educação, dentro da *Pedagogia Crítica* se faz necessária, resgatando uma área eminentemente *política*, o *Currículo*, que não irá se restringir a organização de grades curriculares ou mesmo do conjunto de disciplinas organizadas de acordo com o conhecimento acumulado e transmitido através de várias gerações, mas que também e principalmente, sofrendo a pressão de inúmeras variantes, sociais, econômicas e políticas, apontam para o que na realidade é indispensável para o norteamento de novos rumos da reflexão em questão, ou seja, como chegaremos a Práxis Revolucionária (ação-reflexão-ação) definida pelo professor Paulo Freire.

Geralmente os gabinetes das Secretarias de Educação, atuando verticalmente, no sentido hierárquico do termo, ou seja, '*manda quem pode obedece quem tem juízo'*, ao definirem Políticas Públicas, fazem-no de forma especialmente criteriosa através da Orientação Curricular, que será estabelecida obedecendo-se ao eixo político norteador definido naquele determinado contexto, propiciando um ambiente no mínimo esquizofrênico dentro da Educação, pois os protagonistas da ação, a *comunidade*

escolar, perde o controle de sua própria vontade, e como se estivessem sendo controlado por telepatia, e agindo "como um robô", entram em delírio, pois a maioria da comunidade escolar, em particular os educadores, por conveniência ou alienação, introjetam um juízo falso da realidade impregnado do discurso político dominante através da implantação capitalista dos projetos neoliberais. È o mito de Prometeu pós-moderno, ou seja, as escolas devem pôr a prática escolar cotidiana, em consonância com valores elencados como adequados a produzir um novo Homem, destacando-se a importância do conhecimento como forma de produção, segundo Mclaren, as escolas acabam “assumindo” sozinhas a grande culpa pelo sucesso, porém mais frequentemente o fracasso, dos novos ditames econômicos, restando apenas um único caminho, ou seja, a escola deve responder com entusiasmo ‘ as necessidades emergenciais, de curto, médio e longo prazo ’ exigidas pelo mercado de trabalho pós-industrial e à economia mundial reestruturada. Esse ideário esta sendo viabilizado, colocado em prática, por uma parte significativa daqueles que, se hoje estão em postos de comando, ou seja, articulando e viabilizando o projeto neoliberal nos Governos, em Instituições Financeiras, Econômicas ou Políticas, algumas décadas atrás estavam nos bancos escolares e em parte , representam Geração de Jovens que se forjaram, nas décadas de 1960, 1970, 1980,excetuando-se a grande parcela da categoria de professores, que por conivência ou ingenuidade mantem-se omissos, destacaremos a atuação da Vanguarda, o Coro dos Descontentes, oferecendo Resistência. Destacando a atuação de grandes Mestres entre eles Paulo Freire e Henry Giroux.

> “(Paulo Freire) talvez, o educador mais conhecido do Terceiro Mundo e seu trabalho tem inspirado toda uma geração de professores progressistas e socialistas. Seu princípio de educação como ação cultural, seu método de *conscientização* e suas técnicas para alfabetização têm sido adotados e adaptados para ajustar milhares de projetos onde a situação de aprendizagem é parte da situação de conflito social... Há várias razões que explicam a forte influência de

> Freire. Primeiramente, seus trabalhos fundamentam-se em hipóteses que refletem uma síntese inovadora das mais avançadas correntes do pensamento filosófico contemporâneo, como o existencialismo, a fenomenologia, a dialética hegeliana e o materialismo histórico. Essa visão inovadora e seu talento excepcional como escritor em português e espanhol têm conquistado, com seus escritos iniciais, um amplo público leitor composto por educadores, cientistas sociais, teólogos e militantes políticos." (Carlos Alberto Torres).

O projeto de sociedade em Freire, portanto, extrapola uma visão ingênua ou até mesmo simplista, repudiando a forma mecanicista às vezes expressa em um extenuante didatismo, e invadindo outros terrenos de discussão, vislumbra possibilidades que apontam para soluções dos "problemas" advindos da reflexão crítica sobre a pratica pedagógica no âmago da instituição escola, e logo após, ampliando-se naturalmente para a sociedade em que vivemos capitalista, neoliberal, globalizada e, portanto, sendo a problematizadora e a problematizada, à medida que os conflitos que são oriundos dela permanecem nela, e por vezes a transpassam. Reconhecendo-se o **ideológico** nas ações governamentais, institucionais, mas ao mesmo tempo buscando através da ação dialógica estabelecer um canal de comunicação constante para uma aprendizagem que irá ocorrer entre gentes com alma, sentimentos, emoções, e não apenas sujeitos, e sujeitados desprovidos de alma, que como zumbis absorvem apenas o que lhes é permitido (determinismo neoliberal / ética da **heteronímia**) "ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. A questão da identidade cultural, de que fazem parte a ***dimensão individual e a de classe dos educandos*** cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista" (Freire, 46, 1998)

A julgar pelo exposto acima a interferência desse educador-intelectual em seu contexto de atuação requer uma re-avaliação continua de sua atuação não apenas no âmbito restrito da sala de aula, mas também na relação que consegue estabelecer com o seu entorno, pois "não há história sem homens como não há uma história para homens ,

mas uma história de homens que, feita por eles, também os faz, com diz Marx. E é precisamente , quando, se proíbe o direito de participarem como sujeitos da história, que elas se encontram dominadas e alienadas" (Pedagogia do Oprimido, página 152)

Recorrendo a leitura de outra obra de Freire destacaremos em *Pedagogia do Oprimido* com as *Teorias da Ação Cultural* que se desenvolvem a partir de dois pressupostos: a *Teoria da Ação Antidialógica*, que aponta para os meandros do poder como forma de dividir, manipular e dominar, servindo aos interesses do opressor; e a *Teoria da Ação Dialógica* que através do processo de transformação do mundo em co-laboração, promove o desvelamento desse mesmo mundo e dos seus sujeitos de acordo com a práxis, "significa precisamente que não há revolução com *verbalismo*, nem tampouco com *ativismo*, mas com práxis, portanto, com reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas." (Freire, Pedagogia do Oprimido, pagina 146).

Exemplificando historicamente, poderemos nos reportar, no caso brasileiro, a Revolução Praieira (1848) em Pernambuco, sendo a última do período histórico em questão foi eliminada exemplarmente durante o Segundo Império Brasileiro (1840-1889), liderada por "intelectuais", que se surpreenderam ao perceberam que o povo, decantado em versos e prosa, resolveu aderir em corpo e alma a causa revolucionária. Esses e outros casos encontrados em vários estágios na História da Humanidade, conformariam "uma liderança revolucionária, que não sendo dialógica com as massas, ou mantem a sombra do dominador `dentro`de si e não é revolucionária, ou está redondamente equivocada e, presa de uma sectarização indiscutivelmente mórbida, também não é revolucionária" (Freire, Pedagogia do Oprimido, 147)

Para redimensionar, Educação e Resistência, ou seja atribuir-lhe a vertente de legitimação nos meios educacionais da atualidade, século XXI, embora discursos de outros interesses mantenham a devida distância do tema, Giroux organiza em ,Teoria da Resistência, uma síntese reconhecendo afinidades entre a teoria da Hegemonia de Gramsci e as questões da Dominação e Legitimação, portanto assumidamente, neogramsciniano pressupõe uma postura: anti economicista, onde a cultura assume um papel importante na luta/ conflito de classes, pois é nessa diferença cultural que se assentam as diferenças, contribuindo para a manutenção da sociedade.Trabalha com a idéia de múltiplos agentes de transformação, para ele **o professor** é o **agente transformador** e sua formação deverá ocorrer tanto no campo do domínio teórico como político, objetivando entender os mecanismos de dominação existentes trabalhando no sentido da contra hegemonia possibilitando o aumento da prática de Resistência nas escolas desenvolvendo a Teoria do Modelo Emancipatório de autoridade. **O aluno** *ator* e *buscador* de sua identidade, deve se sentir representado na fala do professor e nos materiais por ele utilizados, mostrando-o como **agente histórico ativo**, através do exercício cotidiano para compreender as variadas diferenças, raciais, de gênero, sexuais, avaliando, sobretudo a *caldeirão* cultural no qual ele, o aluno, se encontra bucando-se em última instância a Democracia no seu sentido mais amplo.

> "... Os alunos representam não apenas pessoas com as quais trabalhamos, mas também uma visão do futuro. Eu nunca me preocupo com a particularidade de suas políticas tento quanto com sua capacidade de terem um pensamento crítico, de defenderem suas posições, de serem sensíveis ao que significa abordar um certo grau de responsabilidade social e política pelo que eles dizem e por seus atos.Meu próprio ensino tem como base fazer tudo o que posso para oferecer as condições pedagógicas que possibilitam que eles se tornem agentes, capazes de governar, e não apenas serem governados, controlar suas próprias vidas e saber como eles fazem a mediação entre elas e a sociedade mais ampla.Se eles adotam uma posição esquerdista e progressista , isso é bom.Mas fico satisfeito se eles se tornam agentes críticos de forma a questionarem a pedagogia de sua

> própria autoformação , e de fazerem a ligação entre esta e o imperativo ético de ser capaz de definir suas vidas em relação a de outros, fora de critérios meramente instrumentais."(Torres, 2000, p134-135)

De acordo com várias entrevistas a contribuição dada por Giroux é vital na medida em que propõem continuamente reflexionar sobre a prática desenvolvida em Escolas Reais, principalmente, em seu caso, no ensino universitário, e alia-las as leituras, o que propiciará a elaboração da analise conjuntural que hoje desvela o debate central, dentro da Pedagogia que tenta responder a pergunta de Peter Mclaren sobre a influencia real da Pedagogia Crítica no processo de Resistência e Luta para a emancipação e formação da Criticidade do individuo proposta no inicio do capítulo.Diz-nos Giroux:

> " na década de 1970, tentei avivar novamente os debates sobre teoria e resistência ao desafiar a noção de que o domínio era tão opressor que só se podia falar de escolas como prisões ou como instituições a serviço da opressão ; reestruturei minha antiga preocupação com o papel dos professores como intelectuais públicos como trabalhadores da cultura que habitam locais pedagógicos diferentes, incluindo as escolas, mas não reduzidos a elas ; meu trabalho sobre cultura popular, possibilitou-me passar por diversas disciplinas e escrever e publicar em outras áreas fora da educação ; restabeleci a Importância da pedagogia em outras áreas, estudos literários, comunicação pela palavra, mídia ; estabeleci uma posição forte ao desenvolver o discurso da *Ètica*." (Giroux)

A interferência desse educador-intelectual em seu contexto de atuação requer uma re-avaliação continua de sua atuação não apenas no âmbito restrito da sala de aula, mas também na relação que consegue estabelecer com o seu entorno, pois "não há história sem homens como não há uma história para homens , mas uma história de homens que, feita por eles, também os faz, com diz Marx. E é precisamente , quando, se proíbe o direito de participarem como sujeitos da história, que elas se encontram dominadas e alienadas" (Pedagogia do Oprimido, página 152) Para que inseridos nesse contexto de ação-reflexão-ação , ampliando-se o campo de atuação, trataremos outra questão pontual, ou seja, a **postura política tomada pela maioria dos educadores** , para tal faz-se necessário que o profissional de Educação esteja visceralmente atento as

armadilhas do sistema e ao mesmo tempo reflita com seus pares os ardis de sua práxis, refletindo sobre ,**a natureza política do trabalho intelectual**, pois os educadores enquanto pensadores e não "os pensados" representam , pelo menos uma parte deles , essa massa crítica, formadores de opinião, e muitos são considerados referências para seus educandos, quanto mais próximos estão seu discurso e prática da verdade que defendem

E as perguntas ainda persistem o que deixaremos de herança para as futuras Gerações de Jovens, não mais oprimidos pelas Ditaduras Políticas, para isso lutamos afinal, mas globalizados pela sutileza elefântica do Deus-Mercado? Onde estaria o papel da Educação enquanto agente transformador da realidade social, sonhada por gerações de educadores/educadoras? Como educadores do século XXI, o que conseguimos acumular, para além dos Discursos? Quais as Práticas de Resistência das Escolas do Futuro, o futuro construído no *agora*?Com o que, o espaço da *indignação* e *não conformismo* estaria sendo preenchido, em uma sociedade impregnada de simulacros e dissimulações? Essa breve reflexão, tentará contribuir no debate urgente e necessário, entre os atores, o *corpus atuantes* da Educação, utilizando como Ponto de Partida os pressupostos teóricos e a práxis da Educação Popular fundamentada através das Teorias e Reflexões de Paulo Freire, e a Teoria da Resistência , organizada por Giroux , que ainda permanecem provocativas, desafinando o ideário da lógica do Capital.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Tradução de Marcus Penchel – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

APPLE, M.W**. Ideologia e Currículo**. São Paulo: Editora brasiliense, 1982.

_____.**Educação e Poder**. Porto Alegre: Ates Médicas, 1989.

BEER, Max. **História do Socialismo e das Lutas Sociais – da Antiguidade aos Tempos Modernos**/ tradução de H. Melo. Rio de Janeiro - Guanabara, 1968.

CARDOSO, Adalberto Moreira. **A Década Neoliberal e a crise dos sindicatos no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2003.

COGGIOLA, Osvaldo & Katz, Cláudio. **Neoliberalismo ou crise do capital?**São Paulo: Xamã, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia; saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____& BETTO Frei. **Essa escola chamada vida – depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. São Paulo: Editora Àtica, 2003.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: 15ª ed. Editora Paz e Terra, 1985.

GADOTTI, Moacir**. Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997(a).

HOBSBAWM. Eric. **Era dos Extremos-o breve século XX (1914-1991) /**Tradução-Marcos Santarrita/Revisão Técnica -Maria Célia Paoli – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

MÉSZÀROS, István. **O século XXI – socialismo ou barbárie**/ tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

: